

“AMOR DE MARIA”, DE INGLÊS DE SOUSA: UMA LEITURA SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO¹

Israel Fonseca **ARAÚJO**²

Secretaria Municipal de Educação/Igarapé-Miri
poemeiro@hotmail.com

Resumo: O presente Artigo trata de uma leitura literária da narrativa “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa. Mais especificamente, de uma leitura da atuação da personagem Mariquinha, a nuclear daquele conto, sob a ótica de Gênero. Através de um estudo exploratório e do método de análise de conteúdo (em mensagens que utilizam o código lingüístico), bem como da leitura de autores (as) da teorização da Literatura e do campo de teorização e de investigação chamado de Estudos Culturais, tendo como centro o viés de análise o gênero, concluiu-se que o narrador da história “pinta” Mariquinha de forma pejorativa, ao se referir à sua saga de forma sarcástica, demonstrando uma postura sexista, em que ele aponta para a moça apenas a feminilidade hegemônica, na qual a personagem deveria ter o casamento (heterossexual) como prática certa para o seu futuro de mulher vilabelense. Percebeu-se, igualmente, que Mariquinha transgride a essa “regra”, ao recusar vários pedidos de casamento, tão logo chega aos dezoito anos.

1 - Este texto é uma reescritura de parte de minha Monografia da Especialização em Estudos Lingüísticos e Análise Literária, intitulada “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa: uma leitura da atuação da personagem Mariquinha, sob a perspectiva de Gênero (CCSE/UEPA, 2007), produzida sob a orientação da Prof^a Doutoranda Renilda Bastos (UEPA), defendida em 09/11/2007.

2 - Especialista em Estudos Lingüísticos e Análise Literária (CCSE/UEPA), Licenciado Pleno em Letras/Português (CUBT/UFPA), professor de Língua Portuguesa na Rede Pública de Ensino de Igarapé-Miri (PA), poeta, cronista, colaborador dos Jornais “Jornal Miriense” e “A Folha de Maiauatá”.

Palavras em Abertura

Vivia triste, aflita, vítima indefesa de uma paixão ardente (SOUSA, 2006, p. 52).

Se me fosse perguntado acerca da intenção desta escritura acerca de “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa³, diria que **objetiva** fazer uma análise literária possível da atuação de Mariquinha na trama inglesiana, mas não uma análise voltada para os pormenores do texto literário (para a estrutura da narrativa) ou para aquilo que o autor “queria dizer”, e sim uma análise das ações de Mariquinha e das falas (sobretudo do narrador) acerca dela, análise esta feita sob o recorte de Gênero, entendido aqui enquanto um viés de análise das relações sociais, amiúde perpassadas por (micro) redes de poder. Para tanto, deverei lançar mão, sempre que necessário, de trechos retirados da fala do narrador e/ou de alguma personagem da trama - e da teorização acerca da categoria analítica Gênero.

Devo, neste ponto de minhas considerações, fazer algumas ressalvas que, na verdade, são mais conceituações do que ressalvas em si mesmas. Primeiramente, que as relações de poder são entendidas, aqui, dentro de uma concepção de teia social (para o que geralmente chamamos de relações sociais), uma vez que essas relações se dão dentro de uma conflituosa tessitura social, pluralizada e conflituosa. Portanto, poder neste estudo fica distante da noção que lhe dá o senso comum, de que haveria uma divisão social estanque na qual os “poderosos/as” mandariam e dominariam os “submissos, governados/as”. Quis dizer: as relações da trama social, porque conflituosas, são heterogeneizadas. Ou, como diz Ribeiro

3 - Sousa (2006). Em algumas passagens desta escritura não cito o “Sousa, 2006”. Entretanto, já saliento que a edição de “Amor de Maria” que por mim foi consultada é essa, o que faz com que nalguns momentos só haja a indicação de número de página, sem o Autor (ano).

O poder é aqui⁴ considerado a partir da perspectiva foucaultiana, a partir do qual ele se constitui em forças que atuam sobre os corpos, não sendo uma substância ou algo misterioso, mas **um micropoder** que é molecular e se espalha capilarmente, dividindo os sujeitos em si mesmos e na relação com os demais (RIBEIRO, 2007, p. 112 – grifo meu).

Diz Foucault que poder é “uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade” (FOUCAULT *apud* BRÍCIO, 2007, p. 127). Outro ponto daquilo que chamei de ressalvas diz respeito à necessidade de conceituação de gênero, teoricamente, neste texto. Mais uma vez Ribeiro é quem nos auxilia. Diz ela que, gênero, pode ser definido, a partir de Scott, “em duas frentes: 1) gênero como constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos; e 2) o gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder” (RIBEIRO, 2007, p. 112). Já para Louro, “gênero se refere à construção social e histórica de sujeitos masculinos ou femininos, em consonância com as concepções de cada sociedade, num processo de relação” (LOURO *apud* BRÍCIO, 2007, p. 127).

Por fim (das ressalvas), digo que este texto é fruto de um estudo *exploratório* (TRIVIÑOS, 1987) realizado entre 2006 e 2007, do Projeto de Especialização em Estudos Lingüísticos e Análise Literária (CCSE/UEPA), acatado pela Universidade do Estado do Pará, à redação “final” do texto monográfico intitulado “*Amor de Maria*”, de Inglês de Sousa: uma leitura da atuação da personagem Mariquinha, sob a perspectiva de Gênero. Sendo, portanto, uma releitura do mesmo.

No entanto, ressalto que tal estudo foi realizado à luz de Triviños (1987) que afirma que esse estudo (exploratório) permite “ao

4 - Seu texto trata da relação entre gênero e classe na docência do Curso Normal (Ensino Médio), em Abaetetuba, PA. Mas o recorte acerca do poder, para este meu estudo, é consonântico.

investigador aumentar a sua experiência em torno de determinado problema” (p. 109), além de Gancho (1995) e Moisés (1997). Não obstante essa matriz teórica, afirmo que é muito mais a minha própria experiência leitora o que está posto nos parágrafos seguintes (e o que fiz na referida Monografia), do que uma provável “perspicácia” investigativa. É uma leitura possível de uma narrativa literária brasileira, mas feita sob um recorte que me desafia, por eu acreditar que a matéria literária não “serve” apenas para o encantamento, ou para o “estranhamento”. “Serve”, igualmente e talvez mais ainda, para o problematizar de questões sociais, culturais, **políticas**, acima de tudo, como é o caso da Feminilidade, dos estudos em Gênero. Considero, acima de tudo, que são considerações trazidas à luz (aqui) pela “minha” voz, mas que têm na sua subjacência as contribuições de tantas outras muitas vozes, numa salutar relação de dialogicidade crítica e polifônica, que tanto engrandecem os estudos acadêmicos.

Antes de iniciar as considerações, apóio-me em Culler (1999), no momento em que ele está falando (fala) das “funções diametralmente opostas” que foram atribuídas à literatura: que a literatura seria um *veículo de ideologia* ou que ela seria um *instrumento anulador da ideologia*. Faço esta visitação em Culler porque devo considerar ideológica (e polifônica, aliás) a fala do narrador em “Amor de Maria”, quando o mesmo se reporta à Mariquinha. Assim se expressa aquele estudioso:

A literatura é um instrumento ideológico: um conjunto de histórias que seduzem os leitores para que aceitem os arranjos hierárquicos da sociedade? [...] Ou a literatura é o lugar onde a ideologia é exposta, revelada como algo que pode ser questionado? A literatura representa, por exemplo, de uma maneira potencialmente intensa e tocante, o arco estreito de opções historicamente oferecidas às mulheres e, ao tornar isso visível, levanta a possibilidade de *não* se aceitar isso sem discussão (CULLER, 1999, p. 45 – grifo do autor).

A primeira referência que me chama a atenção é o início da contação, que assim diz: “O procurador [...] cravou os olhinhos verdes no carão do velho Estêvão. Depois, **com um sorriso entre sardônico e triste**, começou...” (SOUSA, 2006, p. 47 – grifos meus). Ele passará a contar a saga de Mariquinha, a sua trágica existência. Mas, por que deveria esse seu sorriso ser “sardônico” (sarcástico)? Mesmo ainda sendo o início de minhas considerações, por esta referência ao seu comportamento - antes mesmo de começar a dizer sobre os fatos da trama - posso afirmar que no procurador há uma visão pejorativa **acerca de Mariquinha**, pois o sarcasmo é uma atitude que desvaloriza a pessoa a quem ele se destina. Em tese, não havia motivo (s) para essa atitude em relação à pessoa de quem ele deveria falar.

Por outro lado, não descartando *a priori* a idéia de uma pejorativa visão acerca de Mariquinha, destaco que para o narrador a personagem seria a “mais gentil rapariga de Vila Bela!” (SOUSA, 2006, p. 47). Ponto positivo? Deixo a resposta para um outro momento.

Ao apresentar a personagem nuclear da trama, ele afirma que:

Era uma donzela de dezoito anos, alta e robusta, de tez morena, **de olhos negros – negros, meu Deus!** –, de cabelos azulados como asas de anum! **Era impossível ver** aquele narizinho bem-feito, **aquela mimosa boca, úmida e rubra**, parecendo feita de polpa de melancia, as mãozinhas de princesa e os pés da Borrallheira, impossível ver aquelas feições todas, **sem ficar de queixo no chão, encantado e seduzido!** (SOUSA, 2006, p. 47 – grifos meus).

Para não perder de vista a pergunta acima feita, e deixada sem resposta, é bom dizer que esta descrição dialoga com o fato de Mariquinha ser a “mais gentil rapariga de Vila Bela!”. Enquanto uma pessoa gentil, ela é delicada, nobre, generosa, graciosa, amável, cortês; por saber lidar, tratar com as pessoas e, (provavelmente) por ser gentil, ela recebia muitos convites de amigas para passar o dia

fora, tendo de esforçar-se para dividir o tempo de modo a não causar ciúmes em algumas delas (SOUSA, 2006, pp. 48 e 49). Por esse motivo ela também deveria ser considerada “o beijinho das moças, a adoração dos rapazes” (SOUSA, 2006, p. 49).

Mas, vamos à frente: se é pejorativa a visão do narrador acerca de Mariquinha – talvez por ela ser uma pessoa “não graduada” ou porque os “olhinhos verdes” do narrador são a indicação de que ele descendia diretamente de europeus e, dessa maneira, seria da “raça pura”, o que lhe daria um *status* que lhe deixaria sobreposto socialmente à Mariquinha –, o encanto que ela produz no narrador e demais pessoas que a conheceram parece sobrepor-se àquela pejoratividade aventada por mim no início destas considerações.

Por esse motivo, ponho em segundo plano a “tese” dessa pejoratividade. Daqui em diante, passo a sustentar uma outra leitura (da visão do narrador)⁵, a saber: Mariquinha está sendo mostrada pelo procurador à semelhança dum objeto de desejo, o que equivaleria a denotar a sua pessoa como uma “aquisição”, algo que poderia ser possuído por outro (outrem), para a satisfação pessoal de seu possuidor, premissa esta que poderá ser confirmada ou negada na seqüência destas reflexões. Tendo feito estas considerações iniciais, quero patentear alguns pontos que, no conjunto, querem constituir a leitura de Gênero que estou fazendo neste estudo sobre “Amor de Maria”.

Em primeiro lugar, ressalto que o olhar do narrador (e demais pessoas que a conheciam) parece devorá-la. Esta asserção dá conta da agressividade do olhar humano, entendida nesta leitura como uma

5 - Não desconsiderar a visão de polifonia discursiva que sustenta esta leitura, o que equivale a dizer que a voz do narrador não está “sozinha” na contação. Sobre a Polifonia, sugiro a leitura do excelente artigo da Prof^a Nilda de O. Bentes, intitulado A Linguagem e a Bronca dos Processos Dialógicos da Sala de Aula, em Silva (Org.), pp. 171-193, além da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de M. Bakhtin.

forma de transgressão, de tentativa de posse de uma pessoa sobre outra: por isso, o êxtase sentido pelo narrador ao descrever Mariquinha, confirmado pelas recordações dele acerca da afilhada do Álvaro Bento e evidenciado no trecho acima transcrito. Para ele, os elementos exteriores ao modo de ser da personagem (olhos, boca, tez) são o que realmente conta, ao que parece. Por isso é que ele fala daqueles olhos negros “– negros, meu Deus!” e daquele narizinho “bem-feito” ou daquela “mimosa boca, úmida e rubra”. Há, portanto, uma forte carga erótica no olhar que o narrador “dispara” até à personagem.

Esta tese da transgressão – que fala acerca da violação provocada pelo olhar humano, numa implícita e desleal (?) relação possuidor-possuída (narrador-Mariquinha, neste caso) – está muito melhor trabalhada por Corrêa (2005), quando esse estudioso de Inglês de Sousa analisa a narrativa “Acauã”.

As citações anteriormente elencadas dão conta de pormenores relacionados ao corpo e diretamente ligados à sexualidade (olhos, boca, mãozinhas, pés: as “feições todas”): o que está deixando o narrador de “queixo no chão”, “seduzido”, é um nariz “bem feito”, uma boca “mimosa”, parecendo uma “polpa de melancia”.

Sobre esse prisma voltado ao físico (à sexualidade), Tupiassu fala de um “lastro de sensualidade” espalhado por toda a obra inglesiana: “uma lascívia fatal, porque a personagem⁶, assim condicionada por seu biológico, não escapa do círculo do amor carnal, o que aponta para as instâncias do ser não impulsionado pelos ordenamentos racionais e sim pelo instinto” (TUPIASSU, 2005, p. 18).

Depois, e seguindo esse raciocínio, posso dizer que para o narrador esses pormenores eram capazes de enfeitiçar as pessoas que conheceram

6 - A professora está tratando de Miguel, dO Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa. Defendo que essa afirmação pode ser relevante ao se tratar do narrador de “Amor de Maria”, no que diz respeito ao seu exacerbado apego aos pormenores físico-sexuais de Mariquinha.

Mariquinha. Era impossível alguém (considerando-se a heterossexualidade, um homem, dá para se subentender) ver aqueles detalhes todos e não “babar”, não deixar cair o queixo. Dessa maneira, fica claro que Mariquinha nos é referida como uma feiticeira, mas não como a do Paranamiri (Maria Mucoim), que fazia mal às pessoas. Mariquinha enfeitiça, mas sem ser uma “abjeção do sexo” (SOUSA, 2006, p. 47). Seu poder não era maléfico, apenas encantatório:

Quando nas contradanças a moça embalava brandamente os quadris de mulher feita e os seios túrgidos (“dilatados”, “inchados”) tremiam-lhe na valsa, um murmúrio lisonjeiro enchia a casa, era **como um encanto mágico** que percorria os ares, **prendendo com invisível cadeia os corações masculinos aos passinhos miúdos da feiticeira** (SOUSA, 2006, p. 47 – grifos meus).

Esses dois enfoques usados nos parágrafos acima dão conta das impressões deixadas na alma do narrador no que tange às particularidades, aos detalhes corporais de Mariquinha. A partir de agora, centrarei minhas sugestões, quanto à narrativa, considerando questões ideológicas (ou a questão ideológica) subjacentes às falas do narrador em “Amor de Maria”. Mas qual seria essa ideologia? Como ela estaria manifestada?

1 Visão sexista do Narrador; transgressão de Mariquinha

Um primeiro ponto que ressalto diz acerca da visão de mulher que está subjacente às falas do procurador, denotando uma postura nitidamente sexista: **a mulher**, depois de entrar na adolescência, **deveria preparar-se para o casamento**. É o que posso afirmar a partir da seguinte fala do procurador: “Depois que chegara aos catorze anos, começara a moça a ser pedida em casamento, e aos dezoito recusara nove ou dez pretendentes, coisa admirável em uma terra de poucos rapazes solteiros” (SOUSA, 2006, p. 49). Já que há “poucos rapazes solteiros”, não seria uma postura inteligente da parte de

Mariquinha o fato desta ficar recusando convites de pretendentes.

Essa sua fala é eminentemente polifônica, na medida em que, na Amazônia oitocentista, o futuro ou a perspectiva de futuro de uma moça ao entrar para a vida adulta seria o casamento – e, se possível, o casamento com um “bom partido”, como seria o caso: do tenente Brás, do capitão Viriato e do doutor Filgueiras (SOUSA, 2006, p. 49): todos do topo da pirâmide social de Vila Bela. Esse pensamento certamente encontrava eco na fala (no imaginário) da população vilabelense como um todo, mas Mariquinha não estava interessada (naquele íterim) em casamento.

Em um outro estudo (ARAÚJO, 2005), lendo a narrativa *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, sob a ótica de Gênero, constatei o pressuposto de feminilidade que estava subjacente às falas da personagem Dona Inácia (uma senhora idosa e avó de Conceição, a protagonista da trama): “mulher e casamento confundem-se. Em sua [de Dona Inácia] concepção as identidades mulher adulta e casamento são inseparáveis. Ser mulher adulta é ser casada” (ARAÚJO, 2005, 40). Aos dezoito anos, ou seja: adulta, e segundo a concepção do narrador, Mariquinha deveria casar-se; não poderia recusar “nove ou dez pretendentes”.

O afirmado acima corresponde à visão comumente encontrada nas falas que traduzem um conhecimento de mundo sobremodo superficial: o do senso comum, onde maciçamente se entende que a mulher é a pessoa que nasceu para o casamento e, conseqüentemente, para a procriação.

O crescer e multiplicar referido no Gênesis bíblico reafirma essa premissa. Depois de certa maturidade físico-psicológica, é preciso que homens e mulheres se unam em matrimônio a dêem à luz filhos (as). Essa é uma parte relevante, instigante) da ideologia hetero-judaico-cristã ocidental. É sustentáculo de nossos discursos acerca

das identidades *masculina e feminina* – no singular, pois aí não se entende o homem e a mulher enquanto seres cujas identidades são multifacetadas, transitórias – o seu indissociável atrelamento ao casamento, à procriação e isso é corroborado pela fala sutil do narrador, sutileza esta que funciona em nossa sociedade, perfeitamente, para a manutenção de certos discursos mascaradores das tensas relações sociais que travam diuturnamente homens e mulheres; relações nas quais sempre há (tácita ou explicitamente) um jogo de **poder**: como é caso dessa fixidez da identidade masculina e da feminina, superficialmente discutidas acima.

Digo que o narrador de “Amor de Maria” *apenas* está reproduzindo essa ideologia, ao falar da postura de Mariquinha, ao dizer que ela não tinha pressa em casar. Ao analisar Conceição em termos de Gênero, encontrei a seguinte fala do narrador dO *Quinze*: “Conceição **tinha vinte e dois anos e não falava em casar**. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido com os dezoito anos [...]; dizia alegremente que nascera solteirona” (*apud* ARAÚJO, 2005, 39).

Não é o mesmo caso de Mariquinha (ter nascido “solteirona”), mas as posturas quanto ao casamento se aproximam e esse diálogo merece ser destacado por pelo menos dois motivos: Conceição estava vivendo o ano de 1915, no Ceará – e era mulher; Mariquinha vivia o ano de 1866, em Vila Bela, no Amazonas – e era mulher. Não há tanto dilatar do tempo entre os dois “casos” (apenas 49 anos) e era de se esperar que o senso comum⁷ esperasse delas o abraçar do casamento enquanto bandeira de vida.

A fim de sustentar estas afirmações acerca da relação mulher-casamento, recorro a Cunha que ao analisar textos da Coleção

7 - Dona Inácia, no primeiro caso, e o procurador-narrador, no segundo. É curioso o fato de que a avó de Conceição viver restrita à sua fazenda, no interior cearense, e o procurador ter estado “no Pará, no Maranhão e na Bahia” (SOUSA, 2006, p. 49)

Biblioteca das Moças⁸ afirma que “a mulher [naqueles textos] aparece ligada à família e a tudo o que ela simboliza em termos de valores: mulher/mãe/esposa dedicada e submissa vão ajudar a definir um padrão ideal” (CUNHA, 1994, pp. 140 e 141), mas ressalto que esse trabalho de Cunha tem relação com o papel que a leitura daquela Coleção exerceu sobre “a construção/afirmação de identidades femininas, no Brasil, nos anos de 1940, 50 e 60” (ARAÚJO, 2005, 42).

Ou, noutros termos: a construção da subjetividade, agora me referindo apenas à Mariquinha, é um processo de negociação, no qual há sempre forças antagônicas lutando por auto-afirmação – neste caso, de um lado, a “não-pressa” de Mariquinha em se casar; de outro, o pensamento de toda a Vila Bela, representado pela fala do procurador; é sempre uma tensa *relação de poder*, em que o discurso da população entra em evidente conflito com a ideologia da personagem, até porque:

as pessoas são 'homens' e 'mulheres' em sentidos diversos e plurais. Alguns se adaptam com aparente tranqüilidade às normas e aos padrões da época, mas estas normas e padrões estão também em processo de transformação (ADELMAN, 2002, pp. 58/59 – grifos da autora).

*Um outro ponto a ressaltar acerca de Mariquinha, em “Amor de Maria”, diz respeito ao pressuposto da **fragilidade da mulher**, subjacente à fala do narrador. Após o único beijo entre Lourenço e Mariquinha (“O tronco do grande taperabá (*sic*) protegeu o primeiro e único beijo que trocaram aqueles dois amantes” (SOUSA, 2006, p. 53)) e depois de Lourenço ter preferido Lucinda à Mariquinha – durante “um jogo de prendas” (idem, p. 53) em casa do capitão*

8 - Biblioteca das Moças foi uma Coleção de romances de autores e autoras francesas, considerada leitura recomendada para mulheres, “publicada no Brasil pela Companhia Editora Nacional, e que fez muito sucesso editorial entre 1940 e 1960” (CUNHA, 1994, p. 139).

Amâncio e um dia depois daquele primeiro/único beijo –, a afilhada do Álvaro Bento passou por uma vertigem que durou três horas de tempo. Esse fato demonstra a fragilidade (?) da pessoa de Mariquinha, uma vez que o “vágado” de três horas demonstra que ela não teve forças para resistir ao fato de ter sido posta de lado em detrimento de Lucinda.

Talvez esta afirmação possa ajudar a entender Mariquinha: “Viver a sexualidade é, para as mulheres [...] um desafio com profundas conseqüências para quem o assume” (ADELMAN, 2002, p. 60). De repente, o procurador deu destaque a esse “vágado de três horas” por ela ser mulher. Uma vez que se tratasse de um homem, não teria tido a tal vertigem, nem passado “dias sem comer, noites sem dormir” (p. 52).

Nesse caso, para Mariquinha qual seria a “conseqüência” de viver a sua afetividade? Seria o caso de ela ter de demonstrar uma força que não tinha? A personagem, na verdade, não está eximindo-se de viver seus sentimentos, diga-se de passagem. Ao contrário, está arcando com as conseqüências de sentir e assumir uma forte paixão por Lourenço, o que pode ser visto como o símbolo de seu brio. Seria essa a “conseqüência” ou o preço (?) que ela deveria pagar por não fugir dos seus sentimentos e, mais ainda: posso afirmar (grosso modo) que desaparecer de Vila Bela⁹ é uma profunda conseqüência, um alto preço pago por Mariquinha por ter tentado conquistar Lourenço, por tê-lo querido só para si.

E, por falar desse querer de Mariquinha, devo agora fazer uma

9 - Ao final da narrativa, o narrador de “Amor de Maria” diz que “Quanto à formosa e infeliz Mariquinha, desaparecera de Vila Bela, sem que jamais se soubesse o seu paradeiro. Ter-se-ia atirado ao rio e confiado à incerta correnteza aquele corpo adorável, tão desejado em vida? Ter-se-ia internado pela floresta para perder-se na solidão das matas? Quem jamais o pôde dizer?” (SOUSA, 2006, p.

outra inserção nesta leitura de sua atuação na trama, a saber: referente àquilo que diz respeito à vivência de sua afetividade – diretamente atrelada ao filho do capitão Amâncio de Miranda. Vejamos: ao se considerar Mariquinha enquanto uma “moça-família” de dezoito anos e que o contexto do século XIX, digo mormente nos “confinos” rurais da Amazônia denunciava uma forte vigilância sobre a sexualidade da mulher, era de se esperar que seus momentos de afetividade se dessem publicamente. Dessa vigilância temos uma demonstração colhida da fala do procurador: “Apesar de **cercados pela vigilância suspeitosa de amigos e parentes**, (Lourenço e Mariquinha) conseguiram encontrar-se a sós por um momento, sob a copa frondosa do taperebá” (SOUSA, 2006, p. 53 – grifos meus).

Essa vigilância de que falo aqui é descrita por Barreto como um “confinamento feminino” que segundo ele era “um costume típico do Brasil patriarcal e estava disseminado de norte a sul do país” – no contexto da publicação literária de Inglês de Sousa (Séc. 19) –, e que “começou a decair à medida que a modernidade e a ideologia burguesa iam penetrando no cotidiano da sociedade nacional e modificando as velhas práticas familiares...” (BARRETO, 2003, p. 163).

Em síntese: em virtude de o narrador quase não dar voz à personagem central de “Amor de Maria”, o que mais evidente nos fica acerca de Mariquinha é (por um lado): *a*) a sua recusa em querer casar – antes de Lourenço chegar à Vila Bela, o que não quer dizer que, com ele, ela gostaria de casar, uma vez que não vejo claras pistas no texto de Inglês de Sousa que me levem a essa conclusão; e *b*) a sua sugerida fragilidade – sugestão feita pela fala do procurador-narrador –, no que diz respeito aos sentimentos da moça para com Lourenço de Miranda.

Por outro lado, a mesma fala do narrador denuncia uma ideologia evitada de sexismo (onde ficam latentes alguns pontos), ao se reportar (a) ao fato de Mariquinha não querer casar com um dos vários pretendentes que se lhe ofereceram e, mais patente ainda, é (b) a visão do procurador acerca da personagem nuclear da trama no que diz respeito ao seu apego às “minudências” físicas (detalhes corporais) da moça, o que evidencia Mariquinha enquanto um objeto de desejo masculino, além (c) da forte vigilância que se fazia à vida afetiva feminina nos idos anos de mil e oitocentos, da qual Mariquinha jamais teria como escapar.

visão *sexista*.

Palavras de (quase) fechamento

Talvez eu devesse arrematar este texto com uma inquirição nuclear (e sua inevitável tentativa de resposta), pergunta esta que teria a dupla pretensão de dar uma clara noção (a) da dúvida central e geradora deste estudo e (b) mostrar a provável “grande vantagem” de ler a saga de Mariquinha no conto lido, sob a ótica de Gênero. Então, vamos à citada tentativa de responder essa pressuposta pergunta.

É comum¹⁰ estudos monográficos, TCC's e outros empreenderem uma análise literária (quanto esta é sua tarefa) de um texto da Literatura brasileira ou não, com foco em elementos que vão dos pormenores do enredo (a seqüência das ações) às minudências narrativas, como a questão do tempo.

Preferi fazer uma leitura de Gênero em “Amor de Maria” porque me interessei por tentar desvendar o pressuposto de feminilidade que estava subjacente à fala/visão do narrador da história. Por que a sua

10 - Não quero dizer, com isso, que seja apenas isso o que ocorre, dá já para entender. Há vários estudos (mas digo que ainda poucos!) que fogem desse “modelo”, como é o caso de Barreto (2003) e Corrêa (2004 e 2005), referidos aqui,

insistência nos pormenores físicos da moça?, por que a maneira de narrar quase não dando voz à personagem?, impressionável em extremo?... Ainda seria necessário focar a lupa em mais detalhes, quem sabe tantos mais!, mas creio que o aventado já seja minimamente suficiente para uma problematização de Gênero e, conseqüentemente, social em “Amor de Maria”.

Problematizar, sim, pois creio que uma das grandes vantagens do texto/discurso da Literatura seja justamente problematizar, desestabilizar, o que está tão confortavelmente (?) posto na teia social: e esse seria o caso da “visão” que se tem de mulher, de homem – as masculinidades, as feminilidades.

A discussão da transitoriedade das identidades nestes nossos tempos pós-modernos¹¹ (em que não mais aceitamos o conhecimento enquanto algo inquestionável e sim nos colocamos diante deste enquanto uma “coisa” movediça, contestatória) é matéria debatida amiúde e, numa leitura de um texto literário, é perfeitamente possível, aceitável e louvável fazer tal problematização: foi o que tentei fazer ao discutir a atuação de Mariquinha na trama inglesiana.

Por conta do que acima fora levantado, tive motivação para ler a saga da afilhada do Álvaro Bento fazendo um recorte para o campo de teorização e investigação denominado de Estudos Culturais, focado num de seus tantos vieses de análise: o viés Gênero. Pois Gênero, aqui, está inserido dentro do campo dos Estudos Culturais. Nos Estudos Culturais, as análises feitas não pretendem sobressair-se pela neutralidade e sim tomam o partido dos grupos em

11 - Mesmo “Amor de Maria” sendo uma publicação do século XIX, da Amazônia oitocentista e, subentende-se, do tempo da Modernidade positivista, da Ordem e do Progresso, não se pode negar que o caráter polivalente da linguagem da Literatura pressupõe a possibilidade de ler tal texto sob uma ótica (político-ideológica) contemporânea aos “nossos tempos”.

desvantagem na trama social – no caso deste estudo, estive centrado em Mariquinha, tomando o seu partido e procurando desautorizar o sarcasmo e o elitismo do narrador-procurador, o que deixa patente, aqui, uma postura de não-neutralidade enquanto pesquisador-leitor de “Amor de Maria”.

O estudo me possibilitou levantar, mesmo que um tanto superficialmente, alguns pontos acerca da personagem, mormente pela voz do narrador, haja vista que, para Mariquinha, ele quase não dava voz¹². Tais são os pontos: *a*) no que concerne ao matrimônio, que seria uma conseqüência natural para a moça naquele contexto sócio-histórico-cultural, aos dezoito anos, Mariquinha não pensava em casar (o que equivale a uma transgressão à ordem sócio-cultural vigente à sua época, tendo já rejeitado vários pretendentes); *b*) no que se refere à vivência de sua afetividade, percebi uma emblemática vigilância exercida por parte da comunidade vilabelense, o que não permite à Mariquinha ter maiores opções de viver sua sexualidade (porque entendida esta como uma correlação da afetividade): aliás, e até pela natureza “aligeirada” do conto, da afetividade de Mariquinha o que nos é mostrado é o referido beijo e a sua forte paixão por Lourenço, terminada em tragédia; *c*) o narrador evidencia, mesmo que só numa preliminar leitura, uma visão pejorativa de Mariquinha, pois ao começar a narrar a sua saga valse de um sorriso sardônico (sarcástico) – embora eu não descarte que esse seu sarcasmo denota a sua descrença nos feitiços e feiticeiras da Amazônia; *d*) mas, na minha opinião, o que mais salta aos nossos olhos, enquanto leitores de “Amor de Maria”, é o notório apego do procurador aos detalhes físicos, corpóreos, de Mariquinha: os seios túrgidos, a mimosa boca, úmida e rubra, o balançar dos quadris...

12 - É predominante, em “Amor de Maria”, a técnica narrativa do discurso indireto, onde a personagem “fala” pela voz do narrador (a): é o que se passa com Mariquinha.

Nesse caso, está latente em suas falas uma visão de mulher (que tem em Mariquinha seu ícone) enquanto objeto de desejo, instrumento posto a seu bel-prazer, portanto, uma visão *sexista*.

Esses pontos, e outros que sem dúvida seriam desvendados se uma lupa mais cuidadosa fosse passada por sobre “Amor de Maria”, justificam, a meu ver, o estudo feito sob a perspectiva analítica escolhida (de Gênero), por trazerem elementos outros¹³ (mas não todos) para a discussão dentro da análise literária. Mostram as tensas relações de poder entre o discurso sexista do narrador e a não-aceitação de Mariquinha, quanto ao casamento, por exemplo, tecidas silenciosamente nessa trama inglesiana. Evidenciam uma disputa por poder, travada através do discurso verbal (ideológico, obviamente), através do “não tenho pressa”, de Mariquinha; da ótica do narrador quando diz que “as mulheres de nossa terra” (Amazonas) são impressionáveis em extremo; do próprio título da narrativa enquanto uma irônica referência ao sentimento de Mariquinha por Lourenço, transfigurado no nome da planta do tajá, e de tantas outras pistas.

Comungo da opinião de Barreto (2003), quando diz que uma monografia, por mais bem feita, consistente e/ou organizada que seja, não poderá esgotar um assunto. E isso é muito relevante, porque, do contrário, eu não teria mais o que escrever acerca da produção literária de Inglês de Sousa, uma vez que muitos bons e excelentes estudos dela já foram feitos! Aliás, sobre o autor, também aqui me solidarizo com aquele leitor “socioantropológico”, ao dizer que, devido à pouca divulgação de sua obra, o autor dOs Contos ainda pode ser considerado um ilustre desconhecido para seus próprios conterrâneos.

13 - Não passa pela minha mente a idéia de novidade em termos de ler uma narrativa inglesiana sob a ótica de Gênero.

Uma última ressalva: sou cômico da superficialidade das considerações feitas neste estudo, mormente de uma aventável falta de maior embasamento teórico para a sustentação do que foi dito acerca da feminilidade de Mariquinha, bem como tenho clara certeza da incompletude de quaisquer trabalhos de pesquisa – haja vista a maneira como encaro estes nossos tempos pós-modernos, ícones de incertezas.

Que estas parcas considerações possam contribuir (também) com um outro nobre propósito: o de ajudar a tornar mais conhecido o literato-obidense Herculano Marcos Inglês de Sousa.

Referências

ADELMAN, Mirian. **O gênero na construção da subjetividade:** “entendendo” a diferença em tempos pós-modernos. *In:* ADELMAN, Miriam & SILVESTREIN, Celsi B. **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002 (pp.49 a 61).

ARAÚJO, Israel Fonseca. **Entre e Sala e a Cozinha:** o texto literário enquanto elemento que problematiza a sociedade: uma perspectiva analítica aplicada à narrativa O Quinze, de Rachel de Queiroz. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras/Português. Orientador: Garibaldi Nicola Parente. Abaetetuba, PA: Universidade Federal do Pará, 2005. 57 f, mimeo.

BARRETO, Mauro Vianna. **O Romance da Vida Amazônica:** uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa. São Paulo: Letras à Margem, 2003.

BRÍCIO, Vilma Nonato de. Entre o controle e a transgressão: a construção escolar das diferenças entre os gêneros. *In:* **MARGENS/Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação-CUBT/UFPA – V. 1, N. 4 (dezembro/2007) – Abaetetuba, PA: CUBT/UFPA; Belém: Paka-Tatu, 2007 (pp. 125 a 134).**

CORRÊA, Paulo Maués. **Inglês de Sousa:** contos selecionados: *Voluntário, Acauã e A Quadrilha de Jacó Patacho* (Literatura Comentada). Belém: Paka-tatu, 2005.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária:** uma introdução (Tradução de Sandra Guardini T. Vasconcelos). São Paulo: Beca, 1999.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 1995.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. São Paulo: Cultrix, 1991.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária. Prosa I: Fôrmas em prosa: o conto, a novela, o romance**. 16ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas. Os significados de gênero no ensino normal: interconexões entre gênero e classe na docência. *In: MARGENS/Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação-CUBT/UFPA – V. 1, N. 4 (dezembro/2007) – Abaetetuba, PA: CUBT/UFPA; Belém: Paka-Tatu, 2007 (pp.109 a 124).*

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção “A Obra-Prima de cada autor”, 218).

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUPIASSU, Amarílis. **Inglês de Sousa e a Consciência de ser Amazônico**. *In: SOUSA, Inglês de. Contos Amazônicos/Inglês de Sousa*. Belém: EDUFPA, 2005 (Coleção Amazônia), pp.15 a 27.